



# NOTAS SOBRE MOVIMENTO DO VERBO, MORFOLOGIA DE CONCORDÂNCIA E SINTAXE DO SUJEITO

---

HUMBERTO BORGES\*

---

## RESUMO

Uma vez que a interface entre a morfologia e a sintaxe tem tido um campo frutífero de investigação na linguística gerativa, especialmente sob o escrutínio da hipótese da concordância rica, que vincula a expressão fonológica das flexões dos verbos finitos a vários fenômenos sintáticos, como o movimento do verbo para T e a sintaxe do sujeito, incluindo o licenciamento de sujeitos nulos, este *squib* objetiva mostrar que não existe um modelo universalmente válido de concordância rica que possa explicar o movimento do verbo para T e a sintaxe do sujeito. Trazemos evidências do dinamarquês e do português brasileiro para corroborar nossa argumentação.

**Palavras-chave:** movimento do verbo, morfologia de concordância, sujeito

## ABSTRACT

Given that the interface between morphology and syntax has had a fruitful field of investigation in generative linguistics, especially under the scrutiny of the so-called Rich Agreement Hypothesis, which links the phonological expression of finite verb inflections to various syntactic phenomena, such as the verb movement to T and the syntax of the subject, including the licensing of null subjects, this squib aims to show that there is no universally valid model of rich agreement that can explain the verb movement to T and the syntax of the subject. We bring diachronic evidence from Danish and Brazilian Portuguese to support our argument.

**Keywords:** verb movement, Rich Agreement Hypothesis, subject

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, pós-doutorado. *E-mail:* humbertoborges@outlook.com.br. Este trabalho contou com fomento da CAPES (Processo: 007549/2015-0) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

Desde Permulter (1971), estudos sobre as línguas de sujeito nulo levam em conta o papel das terminações flexionais do paradigma verbal de uma dada língua para recuperar a interpretação definida dos sujeitos nulos. Nessa direção, na transição da teoria de regência e ligação para o programa minimalista (PM), uma corrente de estudos que defende que a morfologia verbal repercute na sintaxe passa a fornecer análises interessantes no âmbito das assimetrias do movimento do verbo, especialmente no grupo das línguas germânicas e escandinavas, com implicações (in)diretas para a sintaxe do sujeito. Essa vertente de estudos é aprimorada sob o escrutínio daquilo que Bobaljik (2002) denominou de a hipótese da concordância rica (do inglês *The Rich Agreement Hypothesis*).

(1) **Hipótese da concordância rica (versão estrita)**

Concordância verbal rica provoca movimento de V-para-T.

Corolário: a perda da concordância rica implica a perda de movimento do verbo.

Em geral, os estudos em torno da hipótese em (1) apontam que a riqueza morfológica do paradigma dos verbos finitos se correlaciona com uma posição específica do verbo na oração, ou ainda com o licenciamento de sujeitos nulos. Mais especificadamente, esses estudos indicam que, se o verbo em uma dada língua tem um paradigma flexional rico para estabelecer a concordância com o sujeito, o verbo nessa língua deve sempre aparecer à esquerda de advérbios de modo como resultado do movimento de V-para-T. Desse modo, o movimento de V-para-T é uma operação que resulta da correlação entre morfologia flexional rica e o movimento do verbo para uma posição mais alta.<sup>1</sup> Uma das abordagens pioneiras no escopo da hipótese em (1) é a de Rohrbacher (1994, 1999), que afirma, inclusive, que a concordância verbal rica e o movimento de V-para-T em uma dada língua têm implicações no licenciamento de sujeitos nulos. Para o autor, se e somente se os traços de 1ª e 2ª pessoas são distintamente marcados pela morfologia de concordância, os afixos de concordância são listados separadamente no léxico e projetam seus próprios núcleos na sintaxe, onde eles atraem o verbo para posições de núcleo e permitem que as posições de especificador sejam preenchidas por vários elementos (não) realizados fonologicamente.<sup>2</sup>

Rohrbacher (1999) assume que todas as línguas têm um TP nucleado pelos traços abstratos de tempo, que são essenciais para a interpretação da sentença em LF e que, portanto, são sempre estruturalmente representados na sintaxe. As características abstratas de concordância entre sujeito e verbo, por sua vez, não são essenciais para a interpretação em LF e são, portanto, estruturalmente representadas na sintaxe apenas se o paradigma

1 Ressalta-se que, além da morfologia de concordância, há uma variedade de razões pelas quais o verbo se move para T. O movimento V2, por exemplo, é gerado por um gatilho independente, cujo resultado é a colocação obrigatória do verbo na segunda posição da oração, independentemente da posição de outros constituintes.

2 Propostas alternativas à teoria de Rohrbacher (1994, 1999) são Vikner (1997) e Koeneman (2000). Vikner (1997, p. 207) diz que “uma língua SVO tem movimento de V-para-T se e somente se a morfologia de pessoa é encontrada em todos os tempos”. Koeneman (2000, p. 72) afirma que “os afixos em um paradigma são listados lexicalmente (e, portanto, forçam o movimento V-para-T) se as características de [1ª] e [2ª] e de [singular] forem cada uma delas contrastadas em algum lugar nesse paradigma”.

que as expressa for referencial e listado no léxico, por meio do qual núcleos sintáticos são projetados em razão de marcar distintamente os traços de concordância referencial de 1ª e 2ª pessoas. Para Rohrbacher (1999), se a distinção morfológica estiver presente em ao menos um tempo verbal, então o movimento de V-para-T ocorre sistematicamente em todos os tempos, independentemente dos outros tempos marcarem as distinções relevantes de pessoa. Rohrbacher (1999) argumenta que os traços de pessoa na morfologia do verbo repercutem de modo especial na sintaxe porque eles têm a habilidade especial de se referirem a entidades no discurso: *“the person features by themselves establish whether the subject refers to the speaker(s), the addressee(s), or other(s). Other features often expressed by subject-verb agreement [e.g. number and gender] do not have this ability”* (ROHRBACHER, 1999, p. 128).<sup>3</sup>

A proposta de Rohrbacher (1999) prevê que apenas dois tipos de línguas podem existir dadas essas duas variáveis: um tipo no qual a concordância é pobre e na qual os adjuntos de VP não podem intervir entre o verbo e seu objeto direto; e um tipo no qual a concordância é rica e, portanto, sujeitos nulos são licenciados e os adjuntos de VP devem intervir entre o verbo e seu objeto direto.

Para exemplificar a correlação que faz entre morfologia verbal rica, movimento de V-para-T e sujeitos nulos, Rohrbacher (1999, p. 222) cita diferenças entre as gramáticas do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB). O autor cita, por exemplo, que os traços-φ referenciais de 2ª pessoa são minimamente marcados no PE, mas não no PB. A 2ª pessoa do plural *vós* (*comprais, falais*) perdeu-se em ambas as línguas, restando apenas a 2ª pessoa do plural *vocês*, cuja morfologia de flexão é indistinguível da 3ª pessoa do plural. Com base em Duarte (1993), Rohrbacher (1999) menciona que, ao contrário do PE, o PB também perdeu a distintamente marcada 2ª pessoa do singular *tu* (*compras, falas*), que foi substituída pela forma pronominal inovadora *you* (*compra, fala*) no início do século XX, restando apenas a forma pronominal inovadora, que é morfológicamente indistinguível da 3ª pessoa do singular. O autor enfatiza, ainda, que o PB, assim como o francês, teria substituído a 1ª pessoa do plural (*nós falamos*) pela forma impessoal (*a gente fala*). Assim, se, conforme postulado por Rohrbacher (1999), o movimento de V-para-T depende de marcação morfológica distintiva mínima de todas as características de referência da 1ª e 2ª pessoas, prediz-se que o PE tem movimento do verbo para o núcleo flexional/temporal mais alto, enquanto o PB não o tem. Rohrbacher (1999) considera que suas predições parecem estar certas: a literatura gerativista na época já vinha atestando que o PE tem movimento de V-para-T enquanto o PB tem *V in situ* ou movimento do verbo para uma posição intermediária, mas crucialmente não mais alta que o núcleo flexional/temporal.

O francês é considerado uma língua de morfologia pobre, porém apresenta movimento de V-para-T, o que é um desafio para a proposta de Rohrbacher (1994, 1999). A esse respeito, o pesquisador argumenta que dados de duplicação do sujeito no francês coloquial podem ser

3 Traduzido: “os traços formais de pessoa por si só estabelecem se o sujeito se refere ao(s) falante(s), ao(s) destinatário(s) ou a outro(s). Outras características frequentemente expressas pela concordância entre sujeito-verbo [e.g. número e gênero] não têm essa habilidade”.

tomados como exemplos de concordância entre sujeito e verbo em vez de deslocamento de clítico à esquerda; isto é, para Rohrbacher (1999), clíticos sujeitos em francês formam *um paradigma completo*. O autor pontua que a duplicação de clíticos é obrigatória com os pronomes em francês (2a) e que, no geral, os clíticos são encontrados em quase todas as orações finitas, inclusive com NP (2b).

(2) **Francês**

a. <i>Lui</i>	<b><i>il</i></b>	<i>mange.</i>
Ele	CLITIC.3.MASC.SG	come
b. <i>Jean</i>	<b><i>il</i></b>	<i>mange.</i>
João	CLITIC.3.MASC.SG	come

(ROHRBACHER, 1999, p. 218)

Rohrbacher (1999) argumenta que é bastante improvável que o fenômeno dos clíticos sujeitos no francês coloquial possa ser reduzido a um simples deslocamento do pronome à esquerda, principalmente porque não requer ênfase ou ruptura entonacional. Ele sugere, portanto, que os clíticos sujeitos funcionam como um paradigma flexional rico e, por isso, exibem movimento de V-para-T. Assim, de acordo com Rohrbacher (1999), a morfologia flexional francesa é um sistema misto: parte dela, isto é, os clíticos, é lexical e, portanto, sintaticamente relevante, e a outra parte dela, isto é, os sufixos verbais, é introduzida por PF e, portanto, sintaticamente irrelevante. Rohrbacher (1999) enfatiza que não há nada na teoria que refute a postulação de um sistema misto para a morfologia flexional. Uma questão, contudo, permanece: o autor não explica a ausência de sujeitos nulos no francês, tendo em vista que sua proposta teórica também correlaciona concordância rica e movimento do verbo para T ao licenciamento de sujeitos nulos.

Uma vez que os estudos em Morfologia Distribuída postulam que a morfologia é um componente pós-sintático na arquitetura da gramática (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; entre outros), a análise de Rohrbacher (1999), que propõe que estruturas sintáticas são conduzidas morfologicamente, é rejeitada por autores como Bobaljik e Thráinsson (1998) e Bobaljik (2002). Esses estudiosos defendem que as condições externas da variação morfológica entre as línguas são resultantes de uma variação sintática subjacente. “*Since syntactic variation occurs in the absence of overt morphological variation, the latter cannot be the only cause of the former*” (BOBALJIK, 2002, p. 23), tem-se que a morfologia não pode conduzir a sintaxe nos termos de Rohrbacher (1999).<sup>4</sup> Bobaljik (2002) sugere que a generalização bidirecional não pode ser sustentada, pois o verbo também pode se mover para essa posição mais alta na ausência de concordância rica. Bobaljik (2002)

4 Traduzido: “Uma vez que a variação sintática ocorre na ausência de variação morfológica evidente, essa não pode ser a única causa daquela”.

propõe como solução para esse impasse um postulado que, diferentemente da versão estrita da hipótese da concordância rica, apenas prediz uma relação entre flexão rica e movimento de V-para-T. O postulado em (3), a seguir, não tem como corolário a previsão de que morfologia pobre corresponde à ausência de movimento do verbo ou que perda de morfologia provoca, diacronicamente, perda do movimento do verbo para T.

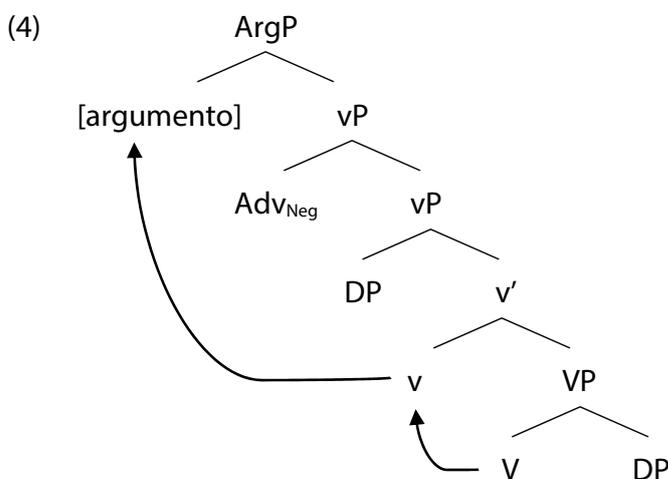
(3) **Hipótese da concordância rica (versão fraca)**

Se uma língua tem uma morfologia suficientemente rica, então ela tem movimento do verbo.

Nota-se, contudo, que ambas as abordagens da hipótese da concordância rica — a versão estrita e a versão fraca — preveem uma correlação unidirecional entre o movimento de V-para-T e a riqueza da morfologia de concordância. Em 2014, Koeneman e Zeijlstra retomam o debate em torno da hipótese da concordância rica reafirmando a predição diacrônica de que a perda de morfologia verbal desencadeia a perda de movimento de V-para-T, tendo como principal argumento empírico a perda generalizada da morfologia de concordância no paradigma verbal finito na variedade padrão das línguas escandinavas ao mesmo passo em que também houve a perda do movimento de V-para-T. Koeneman e Zeijlstra (2014) recorrem ao processo de aquisição de língua materna para explicar a perda diacrônica do movimento de V-para-T nessas línguas. Para esses autores, uma interação indireta entre os componentes morfológico e sintático ocorre durante a aquisição de língua e, embora a sintaxe preceda a morfologia, a morfologia modela a sintaxe por meio de *inputs* durante o processo de aquisição de língua. De acordo com essa análise, a bidirecionalidade da correlação entre concordância rica e movimento de V-para-T é refletida na sintaxe porque a ausência de movimento do verbo é bidirecionalmente correlacionada com a ausência de uma projeção funcional que o desencadeie.

A análise bidirecional da hipótese da concordância rica de Koeneman e Zeijlstra (2014) implica a proposição de que a distinção tipológica com relação à posição do verbo entre línguas com morfologia de concordância rica e pobre surge da presença ou ausência de traços distintivos no paradigma de flexões de concordância durante o processo de aquisição de primeira língua. Isto é, se não houver traços distintivos suficientes de concordância verbal no *input*, uma criança não pode postular projeções funcionais adicionais acima do sintagma verbal. Consequentemente, se a morfologia de concordância é fonologicamente dependente do verbo, aparecendo como um afixo no verbo, então a criança postula a presença de características formais no morfema de concordância que precisam ser verificadas pelo verbo. Koeneman e Zeijlstra (2014) argumentam que uma projeção ArgP — na notação dos autores a projeção para a qual o verbo pode se mover — é esperada nas línguas que exibem um paradigma verbal suficientemente rico para refletir as seguintes diferenças semântica de pessoa e número: [ $\pm$  falante], [ $\pm$  ouvinte] e [ $\pm$  plural]. Koeneman e Zeijlstra (2014) argumentam que, somente quando

as seguintes características semânticas de pessoa e número [ $\pm$  falante], [ $\pm$  ouvinte] e [ $\pm$  plural] são refletidas no paradigma verbal finito, as línguas têm uma projeção ArgP para a qual o verbo deve se mover para sustentar fonologicamente a morfologia de concordância, conforme ilustrado em (4) (KOENEMAN; ZEIJLSTRA, 2014, p. 597). Considerando o processo de aquisição de primeira língua, Koeneman e Zeijlstra (2014) propõem que, se os traços distintivos [ $\pm$  falante], [ $\pm$  ouvinte] e [ $\pm$  plural] estão presentes no *input*, uma criança então postula a projeção ArgP, que hospeda a morfologia da concordância.



Um contra-argumento à proposta bidirecional de Koeneman e Zeijlstra (2014) é apresentado por Heycock e Sundquist (2017): os autores trazem evidência de um dos *corpora* da tese de Sundquist (2002), composto por cartas diplomáticas, cartas pessoais, sermões, memórias e excertos de livros escritos em dinamarquês, norueguês e sueco, que mostra que no início do dinamarquês moderno (1500-1700) o movimento de V-para-T era recorrente nos dados, apesar de dois séculos antes ter ocorrido a perda total da morfologia de concordância na língua. Na tese e em trabalho posterior, a questão central da proposta de Sundquist (2002, 2003) é a de que os dados linguísticos referentes ao início do dinamarquês moderno são um sério desafio para qualquer hipótese que supõe uma relação direta entre mudança morfológica e mudança sintática. Com dados retirados de textos divididos em quatro períodos (1500–1550, 1550–1600, 1600–1650 e 1650–1700), Sundquist (2003) mostra que o movimento do verbo em dinamarquês médio diminui gradualmente em frequência da primeira para a segunda metade do século XVI (de 45% para 33%) e permanece opcional na segunda metade do século XVII (quando alguns textos ainda apresentam movimento do verbo em até 12% dos casos), mais de 250 anos após o esgotamento do paradigma verbal naquele idioma. Sundquist (2003) interpreta a opcionalidade de V-para-T como a competição entre duas gramáticas, uma com o movimento do verbo visível e a outra com movimento coberto do verbo. Sundquist (2003) afirma que, embora haja discordância

entre estudiosos sobre o período da perda das distinções de número no tempo presente do dinamarquês médio, é consensual afirmar que as distinções morfológicas de pessoa desapareceram completamente no século XIV (cf. (5)).

(5) **Dinamarquês médio** (1350): *dø̄mæ* ('julgar')

	Presente	Passado
1ª p. sg.	<i>dø̄mǣr</i>	<i>dø̄mdǣ</i>
2ª p. sg.	<i>dø̄mǣr</i>	<i>dø̄mdǣ</i>
3ª p. sg.	<i>dø̄mǣr</i>	<i>dø̄mdǣ</i>
1ª p. pl.	<i>dø̄mǣ</i>	<i>dø̄mdǣ</i>
2ª p. pl.	<i>dø̄mǣ</i>	<i>dø̄mdǣ</i>
3ª p. pl.	<i>dø̄mǣ</i>	<i>dø̄mdǣ</i>

(SUNDQUIST, 2003, p. 244)

O sincretismo para a morfologia de pessoa difundido no paradigma flexional do dinamarquês, como ilustrado em (5), apresenta-se como uma problemática para o postulado teórico de Rohrbacher (1994, 1999) e de outros similares ao dele. Sundquist (2003) argumenta que uma alta frequência de padrões ambíguos de ordem de palavras, especialmente em orações encaixadas, seria a principal responsável pelo declínio do movimento de V-para-T no dinamarquês, não a morfologia de concordância.

Em uma análise da ordem de palavras em orações encaixadas no dinamarquês médio, Sundquist (2002, 2003) coletou orações que exibem principalmente dois padrões no ordenamento das palavras: em (6a), considerando-se que a negação é geralmente usada como um diagnóstico para o movimento de V-para-T, a negação sentencial sem itálico marca a periferia à esquerda do VP, ao passo que o verbo finito em negrito está numa projeção mais alta; em (6b), o verbo finito permanece em VP (*in situ*), numa posição pós-adverbial.

(6) **Dinamarquês médio**

- a.     *att*   *wii*   ***kunde***     *icke*   *komme diid*   *till*   *dennom.*  
           que   nós   poderíamos   não   ir     lá     para   eles  
           'que nós não poderíamos ir lá para eles'
- b.     *at*     *hun*   *icke*   ***kunde***   *leffue*   *offuer*   *en*   *dag.*  
           que   ela   não   poderia   viver   mais   um   dia  
           'que ela não poderia sobreviver outro dia'

(SUNDQUIST, 2003, p. 236)

A partir de um vasto conjunto de exemplos com o verbo aparentemente *in situ* em orações encaixadas com sujeitos pronominais, o autor afirma que é difícil determinar se esses dados podem ser tomados como as primeiras evidências da ordem moderna das palavras no dinamarquês, ou se envolvem a cliticização do sujeito pronominal ao complementador e o chamado fronteamento estilístico (*Stylistic Fronting*) dos advérbios, que, de acordo com o autor, provoca ambiguidade e parece depender mais de um autor particular do que de um período específico. Ele exemplifica esse impasse com os dados em (7), nos quais um sujeito pronominal é escrito junto com o complementador nos manuscritos.<sup>5</sup>

(7) **Dinamarquês médio**

- a. *adttuu jicke glemmer adt fly thet salt.*  
 que-você-CLITIC não esqueça de dar aquele sal  
 'que você não se esqueça de dar esse sal.'
- b. *attj altid kunde retteligen bruge dem.*  
 que-vocês-CLITIC sempre possa legalmente usar lhes  
 'que todos vocês possam sempre usá-los legalmente.'

(SUNDQUIST, 2003, p. 238)

Sundquist (2003) informa que 69% (232/336) das orações encaixadas analisadas em seu *corpus* apresentam sujeitos pronominais. O autor, contudo, supõe que os dados em (7) não são exemplos inequívocos do surgimento da ordem das palavras nas orações encaixadas do dinamarquês moderno. Assim, ele argumenta que padrões sintáticos ambíguos seriam os responsáveis pela perda do movimento de V-para-T no dinamarquês, pois, embora não seja certo que essas orações envolvam cliticização, não se pode descartar essa possibilidade à luz das evidências ortográficas (SUNDQUIST, 2003). Além disso, Sundquist (2003) sugere que as sentenças com a ordem [[pronome relativo]-[advérbio]-[verbo finito]] também são ambíguas e podem ser interpretadas estruturalmente como uma oração sem alçamento do verbo ou como fronteamento estilístico com um advérbio. Ele exemplifica isso com dados do dinamarquês moderno, como em (8), e argumenta que a frequência de fronteamento estilístico durante os séculos XVI e XVII e a alta frequência da ordem [[advérbio]-[verbo finito]] proporcionaram aos adquirentes de primeira língua a possibilidade de que essas orações pudessem ser interpretadas com o verbo *in situ*.

<sup>5</sup> O fronteamento estilístico nas línguas escandinavas é tradicionalmente visto como o movimento de várias categorias para uma posição de sujeito vazia em orações finitas, geralmente o sujeito de orações relativas, mas também o sujeito de orações encaixadas em perguntas e orações completivas com uma lacuna na posição de sujeito (SUNDQUIST, 2003).

(8) **Dinamarquês moderno**

- a. som **icke** kan skrifuiss paa denne gang  
que não pode escrito-ser em esse momento  
'que não pode ser escrito nesse momento.'
- b. som **alltid** handlede med min fader  
que sempre negociou com meu pai  
'quem sempre negociou com meu pai.'

(SUNDQUIST, 2003, p. 246)

Sundquist (2003) afirma que, sob o espectro dos dados dinamarqueses, a versão fraca da hipótese da concordância rica se sai melhor do que a versão estrita, pois ela prediz que uma língua pode permanecer tendo movimento do verbo para T, obrigatório ou opcional, ao mesmo tempo em que carece de morfologia rica. Sundquist (2003) reconhece que certos fenômenos sintáticos podem estar associados à morfologia. Ora, se as línguas exibem sincronicamente correspondências estreitas entre morfologia e sintaxe, é então razoável que tais relações, sob certos aspectos, influenciem a mudança sintática. Todavia, uma proposta teórica que estabelece uma ligação direta entre morfologia de concordância e ordem das palavras, ou mesmo o licenciamento de sujeitos nulos, conforme propôs Rohrbacher (1999), não se sustenta.<sup>6</sup>

Haja vista o empobrecimento da morfologia verbal e a perda de sujeitos nulos no PB (cf. DUARTE, 1993; DUARTE; FIGUEIREDO SILVA, 2016), alguns pesquisadores têm sugerido que no PB o verbo deixa a posição em que é gerado, porém não mais ocupa T. A seguir, discutimos alguns desses trabalhos, estabelecendo a relação de cada um deles com as versões forte e fraca da hipótese da concordância rica.<sup>7</sup> Galves (2001) propôs que a distinção morfológica entre singular e plural nos paradigmas dos verbos finitos seria suficiente para desencadear o movimento do verbo. Contra Galves (2001), Costa e Figueiredo Silva (2006) pontuam que as diferenças em relação à extensão do movimento do verbo no PB coloquial e no PE não podem ser derivadas de diferenças morfológicas de número, pois o PB tem uma morfologia de número diferente nos

6 A ausência de sustentação de uma teoria como a de Rohrbacher (1999), a meu ver, não repercute nas análises minimalistas sobre sujeitos nulos em que os traços- $\varphi$  nos verbos finitos são nominais o suficiente para satisfazer o traço-EPP (cf. ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 1998; entre outros). Nessas propostas, seguindo Chomsky (1995), o EPP é universal e consiste em um traço D em T; assim, nas línguas em que os traços- $\varphi$  dos verbos finitos são suficientemente nominais, o movimento de V-para-T é meramente capaz de satisfazer o EPP, licenciando sentenças com sujeitos nulos e também com a ordem VS.

7 Um dos dois revisores anônimos deste *squib* nos sugeriu que estabelecêssemos uma comparação entre os dados de movimento do verbo no dinamarquês com o PB, o que, por conta do escopo e do espaço destinado a este *squib*, deixamos para um trabalho futuro.

domínios verbal e nominal quando comparado com o PE, mas, segundo os autores, ambas as línguas teriam movimento do verbo na mesma extensão. Assim, Costa e Figueiredo Silva (2006) defendem que a generalização de Vikner (1997), que prevê que uma língua tem movimento de V-para-T se há flexão para pessoa em todos os tempos, parece ser a mais adequada para estabelecer uma relação entre morfologia e movimento do verbo de modo que o componente morfológico seja concebido com certa autonomia em relação à sintaxe.

Dado que no PB e no PE advérbios e quantificadores flutuantes podem aparecer tanto antes quanto depois do verbo (i.e., sem os contrastes visíveis de movimento do verbo que existem em inglês e francês), Costa e Galves (2002) propõem que há um movimento curto do verbos nessas variedades do português, e elas se diferem pela posição ocupada pelo sujeito. Os autores propõem as estruturas em (9) para tratar dessa diferença.

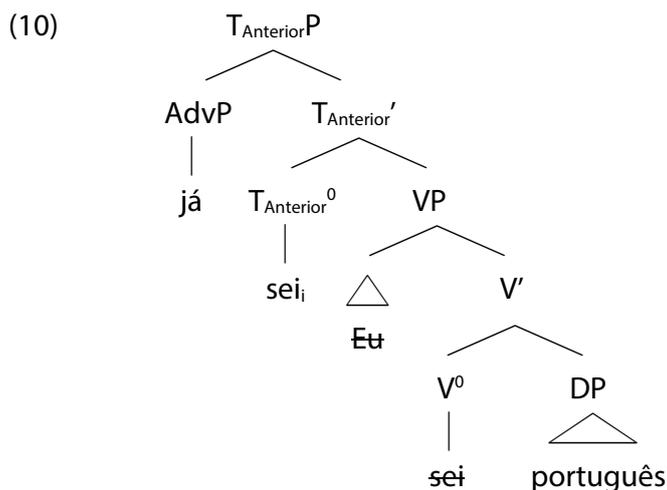
- (9) PE: [<sub>AgrSP</sub> Subj [<sub>TP</sub> t<sub>Subj</sub> V [<sub>VP</sub> t<sub>Subj</sub> t<sub>V</sub> ]]]  
 PB: [<sub>AgrSP</sub> Subj [<sub>AgrSP</sub> [<sub>TP</sub> pro/ele V [<sub>VP</sub> t<sub>pro</sub> t<sub>V</sub> ]]]]

(COSTA; GALVES, 2002, p. 116)

A proposta de Costa e Galves (2002) lida mais precisamente com três tipos de sujeitos externos, viz.: (i) deslocados à esquerda, de modo que a posição A-barrado sujeito é Spec-VP; (ii) com movimento curto do verbo e sujeito em Spec-AgrSP; ou (iii) com movimento curto do verbo e deslocamento à esquerda do sujeito. Com base nisso, as estruturas em (9) preveem estratégias diferentes para identificar o AgrS: no PE, não há movimento do verbo até AgrS, de modo que o AgrS é identificado pelo sujeito por meio da concordância estabelecida entre especificador e núcleo. No PB, por sua vez, o AgrS — desprovido de traço-D — possui núcleo e especificador vazios, de modo que o movimento de V e a concordância entre especificador e núcleo não são empregados como estratégias para identificar esse núcleo funcional. Para os autores, sujeitos pré-verbais no PB são adjacentes a AgrSP, o que explicaria uma possível orientação para o tópico dessa língua. Costa e Galves (2002) ressaltam, por fim, que PB e PE diferem de línguas como o italiano, em que a posição A-barrado sujeito é Spec-VP e que (somente) sujeitos (referenciais) são externos e deslocados à esquerda, devido ao fato de que tanto no PB quanto no PE o verbo não sobe para AgrS, mas permanece em T.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Ao analisar diacronicamente dados do português produzido em Goiás nos séculos XVIII e XIX, Borges e Pires (2017) e Borges (2019) trazem robusta evidência empírica de que o aumento de sujeitos manifestos nessa variedade do português não está ligado à perda de morfologia verbal, mas à perda do traço-D do conjunto de traços de T, o que a caracterizaria como uma língua de sujeito nulo parcial desde o século XIX. Além disso, os autores postulam que a gramática setecentista do PB em Goiás satisfaz o traço-EPP por meio do movimento do verbo para T (provido de traço-D) e (com a perda do traço-D de T) a gramática oitocentista satisfaz o traço-EPP por meio da projeção de um DP para Spec-TP.

Numa perspectiva cartográfica para a sintaxe dos advérbios, Tescari Neto (2013) propõe que a variação na posição do verbo em relação ao AdvP no PB pode ser vista de duas maneiras: (a) o movimento do verbo lexical seria obrigatório até um dado núcleo na parte inferior do núcleo funcional T, i.e., o verbo lexical se moveria para uma projeção intermediária; (b) o verbo só pode passar por advérbios baixos (cf. TESCARI NETO, 2013). Em trabalho posterior, Tescari Neto (2016) argumenta que o enfraquecimento do sistema de concordância no PB não é suficiente para explicar a razão de o verbo não subir para T no PB em comparação com outras línguas românicas, assim, o autor sugere que é o enfraquecimento de T que explicaria a razão de o verbo ser projetado para uma posição medial de INFL no PB. Seguindo a proposta de Cinque (1999) para as estruturas de hierarquia dos advérbios, Tescari Neto (2016) propõe que o verbo se move para a projeção funcional  $T_{Anterior}P$ , a mais baixa projeção relacionada a T na proposta hierárquica de Cinque (1999), conforme ilustrado na projeção em (10) (cf. TESCARI NETO, 2016, p. 93).



Conforme proposto por Cinque (1999), Tescari Neto (2016) assume que  $T_{Anterior}P$  apresenta como significado central uma prioridade temporal, i.e., uma precedência em relação a um tempo de referência. Para o autor, o advérbio *já* no PB pode ser usado para expressar esse valor semântico, como exemplificado em (10). Ainda que não assuma um posicionamento a este respeito, a proposta de Tescari Neto (2016) aponta na direção da versão fraca da hipótese da concordância rica, que advoga que a derivação dos aspectos morfológicos de uma língua é parcialmente independente da sintaxe, mas não tem como corolário a previsão de que morfologia pobre corresponde à ausência de movimento do verbo ou que perda de morfologia prediz perda do movimento do verbo.

## REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing Agr: Word order, V-movement and EPP-checking. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 16, p. 491-539, 1998.
- BOBALJIK, J. D. Realizing Germanic inflection: Why morphology does not drive syntax. *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 6, p. 129-167, 2002.
- BOBALJIK, J. D.; THRÁINSSON, H. Two heads aren't always better than one. *Syntax*, v. 1, p. 37-71, 1998.
- BORGES, H. *A sintaxe do sujeito na história do Português em Goiás: evidências oitocentistas de uma língua de sujeito nulo parcial*. 2019. 273 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- BORGES, H.; PIRES, A. The emergence of Brazilian Portuguese: Earlier evidence for the development of a partial null subject grammar. *Proceedings of the Linguistic Society of America*, v. 2, p. 1-15, 2017.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos*, XXXV, p. 95-109, 2006.
- COSTA, J.; GALVES, C. External subjects in two varieties of Portuguese: Evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. et al. (ed.). *Proceedings of Going Romance 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M.C. The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, W.L.; J. COSTA; S. MENUZZI (ed.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Sussex: John Wiley & Sons, Inc., 2016, p. 234-53.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 107-128.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: K. HALE; S. J. KEYSER (ed.). *The view from building 20*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1993, p. 111-176.
- HEYCOCK, C.; SUNDQUIST, J. D. Don't rush to rehabilitate: A remark on Koenenman & Zeijlstra 2014. *Linguistic Inquiry*, v. 48, p. 173-179, 2017.
- KOENEMAN, O. *The flexible nature of verb movement*. Utrecht: LOT Publications, 2000.

KOENEMAN, O; ZEIJLSTRA, H. The Rich Agreement Hypothesis rehabilitated. *Linguistic Inquiry*, v. 45, p. 571–615, 2014.

PERLMUTTER, D. *Deep and surface constraints in syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

ROHRBACHER, B. *The Germanic languages and the full paradigm*. 1994. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, Amherst, 1994.

ROHRBACHER, B. W. *Morphology-Driven Syntax: A theory of V to I raising and pro-drop*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

SUNDQUIST, J. D. *Morphosyntactic change in the history of the mainland Scandinavian languages*. 2002. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística Germânica) – Indiana University, Bloomington, 2002.

SUNDQUIST, J. D. The Rich Agreement Hypothesis and Early Modern Danish embedded-clause word order. *Nordic Journal of Linguistics*, v. 26, p. 233-258, 2003.

TESCARI NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study*. 2013. 392 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Università Ca' Foscari di Venezia, Italia, 2013.

TESCARI NETO, A. Verb raising, the impoverishment of the verbal paradigm and the weakening of Tense in BP. *Revista do GEL*, v. 13, n. 3, p. 75-106, 2016.

VIKNER, S. V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement and inflection for person in all tenses. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 189-213.

*Squib* recebido em 13 de março de 2020.

*Squib* aceito em 31 de março de 2020.